

A CONSTRUÇÃO DA MONARQUIA SACRALIZADA EM ISIDORO DE SEVILHA

Sérgio Alberto Feldman

O conceito de monarquia sacralizada é uma construção de longa duração, na perspectiva de Braudel. Durante cerca de um milênio, no ocidente medieval¹ as monarquias pretendiam um status de legitimadas, em função da construção teórica do bispo Isidoro de Sevilha que viveu entre c. 560 e 636 da Era Comum, e embasou esta perspectiva de legitimação através da utilização da exegese de textos da Bíblia Hebraica. No ocidente medieval a legitimidade provinha do Império Romano. Os invasores germânicos adotaram e imitaram os conceitos de poder imperial e usaram de terminologias que eram originárias das instituições de poder e governo do império que desaparecera no ocidente, de balde a tentativa de Justiniano (sec. VI) de restaurar o assim denominado “mare nostrum” e remontar o domínio romano na Itália e no ocidente. *Imitatio imperii* é algo que sempre se manteve. Até os impérios do mundo contemporâneo, como os impérios czarista, britânico, alemão e austro-húngaro adaptavam insígnias de águias, termos e símbolos do império romano. As monarquias germânicas careciam de um arcabouço jurídico e de uma legitimidade emanada do império, mas trataram de criar. Isso se fez de diversas maneiras.

Uma é o direito do conquistador, que vence e ocupa e se apropria dos espaços e das pessoas. Esta legitimidade é explicada como vinda “de baixo para cima”, ou seja, emanada na escolha do coletivo de guerreiros que numa assembleia elege (leia-se aclama) o seu líder militar, antes ou depois da conquista, como rei. A manutenção deste sistema dependerá de alguns fatores: o rei eleito precisa satisfazer seus “eleitores”. O rei eleito se apropria da conquista e incorpora bens diversos, ao seu patrimônio pessoal, e/ou a coroa e compartilha com seus líderes setoriais ou oficiais de seu exército, o restante do botim. Estes se tornam uma espécie de “pré-nobreza”, ou nobreza. O modelo já está descrito na obra de Tácito denominada “Germânia”, escrita no final do primeiro século da era comum. Este modelo ainda servia aos visigodos, por exemplo no século VII.

O rei depende desta nobreza: para elegê-lo, para ter estabilidade e para definir sua sucessão gerando uma dinastia. Isto acabava criando instabilidade, como no reino visigótico. A monarquia visigótica sofria com atentados e golpes. O bispo franco Gregório de Tours, ironizava os visigodos dizendo que eram “regicidas”, pois muitos reis foram derrubados e mortos. Esta situação propiciou muita instabilidade. Para freá-la gradualmente ocorre uma aproximação com a Igreja. Os visigodos eram cristãos, de uma vertente denominada ariana. Isso dificultava sua integração com a população hispano-romana que era na sua maioria cristã na vertente católica romana.

A conversão do rei Recaredo ao catolicismo e o III Concílio de Toledo em 589, oferece diversos aspectos perceptíveis, mas um deles seria legitimar a monarquia visigoda, diante da população católica, senão majoritária, em vistas do paganismo do campo, de maior importância nos grandes centros. Isidoro de Sevilha traz ao cenário político religioso, uma versão diferente de legitimidade. Aquela de “cima para baixo”, que emana da pretensa escolha divina. Tendo a Igreja católica, como intermediária entre Deus e os fiéis, concebe que a escolha de Deus sacraliza a monarquia. Isto é feito através do resgate da unção do monarca “legítimo”, fazendo uso da Bíblia hebraica, em especial os livros de

¹ Ocidente medieval é um conceito da historiografia medieval francesa, construído especialmente por Jacques Le Goff. Há usos diversos da expressão, mas geralmente aborda o milênio entre 500 e 1500, na parte ocidental da Europa medieval.

Samuel I e II. A cerimônia da unção de Saul (Samuel I, cap. 9) e de David (cap. 16) estão sendo recicladas pelo bispo hispalense.

O modelo não impedirá que a monarquia visigótica siga sendo ameaçada por ‘partidos’ de nobres, insurretos que cobiçavam o poder para seus agrupamentos. O resgate da cerimônia da unção feito por Isidoro, será utilizado por diversas monarquias cristãs, ao logo do medievo. A legitimidade da monarquia sacralizada só começará a ser ameaçada pelas revoluções inglesas do séc. XVII e francesa do final do séc. XVIII.

Para saber mais

FELDMAN, SERGIO ALBERTO. Os visigodos: de saqueadores de Roma a padrão de nobreza. Dimensões: Revista de História da UFES, v. 37, p. 38-60, 2016

FRIGUETTO, Renan. A Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano -bárbaras numa época de transformações (séculos II-VIII). 1ª ed. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

SILVA, Leila Rodrigues da. Episcopado e relações de poder nos De Ecclesiastici Officiis e Sententiarum Libri Tres de Isidoro de Sevilha. Acta Scientiarum. Education (Online), v. 36, p. 181-187, 2014..

FELDMAN, Sérgio Alberto. A CONSTRUÇÃO DA MONARQUIA SACRALIZADA EM ISIDORO DE SEVILHA. *Imaginário e Sensibilidades*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

